

oliver twist

charles dickens

Tradução de Amigos do Livro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

CAPÍTULO I

DO LOCAL ONDE OLIVER TWIST VEIO AO MUNDO E DAS CIRCUNSTÂNCIAS QUE RODEARAM O SEU NASCIMENTO

Entre as instituições públicas de uma certa cidade de Inglaterra, que não designarei por uma questão de prudência, e à qual nem darei qualquer nome imaginário, uma há comum a quase todas as cidades: um albergue de mendicidade. Nesse asilo filantrópico, em certo dia e em certa época, que julgo não ser necessário precisar, nasceu o pequeno ser, cujo nome vem mencionado no cabeçalho deste capítulo.

Já tinham passado cerca de cinco minutos desde que o médico da paróquia o introduzira neste mundo de misérias e sofrimentos, e ainda se duvidava que conseguisse sobreviver. Por fim, após diversos esforços, respirou, espirrou e, com um grito tão agudo quanto se podia esperar de uma criança do sexo masculino, que há pouco mais de cinco minutos possuía o dom tão útil da voz, anunciou a todos os habitantes do albergue o novo encargo que a paróquia iria suportar com a sua entrada no mundo.

E ao mesmo tempo que Oliver dava esta prova inequívoca da força e liberdade dos seus pulmões, a manta remendada que cobria a cama de ferro descaiu um pouco, deixando ver a cara lívida de uma jovem que, ao levantar pensosamente a cabeça, disse numa voz fraca:

— Quero ver o meu filho antes de morrer!

O médico, que estava sentado junto da lareira a aquecer as mãos, levantou-se, aproximou-se da cama e disse com uma doçura inesperada:

— Oh! Ainda é cedo para falar em morrer!

— Com certeza, pobrezinha! Que Deus a guarde! — repreendeu a ajudante, enquanto guardava precipitadamente num bolso a garrafa cujo conteúdo acabara de beber com evidente satisfação. — Que Deus a guarde! Quando chegar à minha idade, depois de ter treze filhos como eu tive, embora Deus me tenha levado onze e deixado apenas dois, que vivem comigo aqui no albergue, pensará de outro modo, em vez de se deixar abater assim pelo desgosto. Então, minha querida, pense na felicidade que é ser mãe, e que precisa de viver para o seu filho.

Esta consoladora perspectiva das alegrias de uma mãe não produziu, na aparência, os efeitos que devia: a enferma abanou a cabeça em sinal de dúvida e estendeu os braços para o filho. O médico aproximou a criança da mãe, que pousou os seus lábios frios e descoloridos sobre a testa do inocente. Em seguida, passando as mãos pela sua própria cara, como se tentasse relembrar qualquer ideia confusa, olhou à sua volta, voltou a cair sobre a cama e morreu... Friccionaram-lhe as mãos e as têmporas numa tentativa vã de a trazer de novo à vida, mas o seu sangue parara para sempre. Falaram-lhe de esperança e de felicidade: há muito tempo que, para ela, essas duas palavras tinham perdido o significado!

— Está tudo acabado, tia Chose — disse, então, o cirurgião.

— Pobre rapariga! — exclamou a empregada, enquanto se baixava para apanhar a rolha da garrafa que caíra em cima da cama. — Pobre rapariga!

— Não é preciso mandar-me chamar se a criança chorar. É natural que se mostre inquieta. Se assim acontecer, dê-lhe um caldinho de farinha. — Dito isto, pegou no chapéu e parou junto da cama antes de se dirigir para a porta.

— Na verdade, esta mulher faz-me pena... De onde vinha?

— Trouxeram-na para cá ontem à noite, por ordem do inspetor. Encontraram-na deitada no meio da rua. Tudo leva a crer que fez uma grande caminhada, pois os seus sapatos estão completamente estragados. Mas de onde vinha e para onde ia, isso ninguém sabe.

O médico inclinou-se sobre a cama e pegou na mão esquerda da morta.

— É sempre a mesma coisa — comentou, abanando a cabeça. — A miséria, e talvez uma má conduta. Bem, boa-noite!

O doutor foi jantar; a criada, voltando a provar o conteúdo da garrafa, sentou-se numa cadeira baixa em frente da lareira e começou a vestir a criança.

Que espantoso exemplo do poder do vestuário oferecia então Oliver Twist! Embrulhado na manta que até ao momento constituíra a sua única

roupa, tanto podia ser filho de um nobre como de um mendigo. Ninguém, por mais arguto que fosse, poderia garantir qual seria o seu lugar na sociedade. Mas logo que lhe vestiram uma velha roupa de pano, amarelecida de tanto uso, Oliver foi bruscamente marcado e etiquetado: uma pobre criança da paróquia, um órfão do albergue de mendicidade, destinado às pancadas e aos maus tratamentos, ao desprezo de toda a gente e ao carinho de ninguém.

Oliver chorou bem alto. Se pudesse saber que era um órfão, abandonado à compaixão dos fabriqueiros e dos inspetores, teria chorado com bastante mais força.

CAPÍTULO II

DA MANEIRA COMO OLIVER TWIST FOI CRIADO E EDUCADO

Durante os oito ou dez primeiros meses, Oliver foi vítima de uma série sistemática de enganos e decepções: foi criado a biberão. O desprezível estado do pequeno órfão, causado pela ausência de uma alimentação natural, foi fielmente relatado às autoridades da paróquia pelas autoridades do asilo. As autoridades da paróquia informaram-se, com dignidade, junto das autoridades do albergue, se não haveria no dito albergue uma mulher que pudesse dar ao pequeno os cuidados e a alimentação de que carecia. Perante a resposta negativa das autoridades do albergue de mendicidade, as autoridades da paróquia, seguindo o impulso dos seus corações a favor da humanidade sofredora, decidiram de comum acordo que Oliver Twist seria «arrendado», isto é, para falar mais claramente, seria enviado para um anexo do albergue, que ficava a duas ou três milhas de distância, onde cerca de 30 jovens infratores à lei da mendicidade se reboavam no chão durante todo o dia, sem correrem o risco de serem incomodados pelo excesso de alimentação ou sufocados pela roupa. A direção deste anexo estava confiada aos cuidados todos maternais de uma velha, que recebia os pequenos acusados contra o pagamento semanal de sete pences e meio por cada criança.

Sete pences e meio por semana para a alimentação de uma criança é uma quantia bastante razoável. No entanto, a velha sabia bem o que convinha às crianças e ainda melhor o que lhe convinha. Assim, apropriava-se

da maior parte do pagamento semanal para seu próprio uso, e recuava ao máximo o limite da economia, provando possuir conhecimentos profundos de filosofia experimental.

Todos conhecem a história de um célebre filósofo, que, ao descobrir um processo de manter vivo um cavalo sem o alimentar, o pôs em prática na sua própria montada, reduzindo-lhe gradualmente a ração até lhe dar apenas uma haste de palha por dia. Decerto que o animal se tornaria extraordinariamente ágil e buliçoso no momento em que lhe não desse absolutamente nada de comer, se não tivesse morrido precisamente vinte e quatro horas antes de receber a sua primeira ração de «ar puro».

Infelizmente para a filosofia experimental da velha a quem Oliver Twist fora confiado, o seu sistema operacional ia obtendo resultados semelhantes ao do célebre filósofo; no momento em que uma criança chegava ao ponto de poder subsistir com a mais ínfima quantidade de comida possível, acontecia que, por uma dessas fatalidades da sorte, adoecia de frio e de fome, ou caía na lareira por negligência, ou sufocava por acidente. Em qualquer dos casos a pobre criança ia, quase sempre, juntar-se no outro mundo aos pais que nunca conhecera neste.

Não se pode esperar uma boa educação de uma criança criada com o sistema que acabo de descrever. No dia do seu nono aniversário, Oliver Twist era um garoto pálido, magro e demasiado baixo para a sua idade, mas recebera da natureza ou dos pais um espírito forte e são, que se desenvolvera dentro dele graças à dieta a que era submetido. E foi talvez devido a esta circunstância, que conseguiu chegar pela nona vez ao aniversário do seu nascimento. Fosse como fosse, era o aniversário do seu nascimento, e ele celebrou-o tristemente na cave, na companhia de dois pequenos camaradas que, depois de partilharem com ele uma tarefa, foram fechados por ousarem dizer que tinham fome. De súbito a senhora Mann, a amável hospedeira da casa, apercebeu-se de que o senhor Bumble, o bedel¹, acabava de abrir a pequena porta do jardim.

— Deus me perdoe, é o senhor Bumble! — exclamou com uma alegria fingida, enquanto assomava a cabeça à janela. — Suzana, vai soltar Oliver e os outros dois tratantes e lava-lhes a cara. Bondade divina, como estou contente por o ver, senhor Bumble!

O senhor Bumble era um homem corpulento e irascível que, em vez de responder como devia a esta amável recepção, sacudiu com força a pequena aldraba e aplicou à porta um pontapé que só podia vir do pé de um bedel.

¹ Do original *beadle*, funcionário paroquial.

— Parece impossível! — exclamou a senhora Mann, correndo para abrir a porta (porque entretanto as três crianças tinham sido libertadas). — Como me esqueci de que a porta estava fechada por dentro por causa destes queridinhos! Faça o favor de entrar, senhor Bumble.

Apesar de este convite ter sido feito com uma cortesia capaz de acalmar qualquer pessoa, o bedel nem deu por ela.

— Pensa, senhora Mann — disse o senhor Bumble, segurando com força a sua bengala —, pensa que é sinal de respeito, ou conveniente, fazer esperar à porta do seu jardim os funcionários municipais, quando vêm tratar de assuntos da comunidade?

— Desculpe, senhor Bumble, é que fui avisar três destas criancinhas, que tanto o amam, que o senhor tinha chegado.

O senhor Bumble era vaidoso das suas faculdades oratórias e da sua importância.

— Está bem, está bem, senhora Mann! — retorquiu num tom mais calmo. — Acredito. Mas entremos, que tenho uma coisa a comunicar-lhe.

A senhora Mann fez entrar o bedel numa pequena sala e desembarcou-o da bengala, colocando-a com cuidado numa mesa à sua frente.

— Não se zangue, senhor Bumble, o senhor fez uma boa caminhada, está com calor, isso vê-se bem, senhor Bumble. Por isso, permite-me... que lhe ofereça uma bebida, senhor Bumble?

— Muito obrigado, de maneira nenhuma — respondeu o senhor Bumble, agitando a mão com ar de grande dignidade.

— Não mo pode recusar — insistiu a senhora Mann, que adivinhara um consentimento fácil no tom da recusa, assim como no gesto que a acompanhara. — Apenas uma gota, com um pouco de água fria e açúcar.

O senhor Bumble tossiu.

— Só uma lágrima — insistiu a senhora Mann.

— O que me quer oferecer? — perguntou o bedel.

— Por vezes sou obrigada a ter qualquer coisa em casa para dar às criancinhas, quando estão doentes, misturada com o sedativo. — Entretanto abriu um pequeno armário e tirou uma garrafa e um copo. — É genebra, senhor Bumble.

— Não me diga que dá sedativos às crianças, senhora Mann! — retorquiu este, enquanto seguia atentamente os gestos da hospedeira.

— Pois claro que lhes dou, embora me custe bastante caro. Mas, como sabe, não sou capaz de os ver sofrer, senhor Bumble!

— Sem dúvida. A senhora é uma mulher piedosa. Falarei nisto aos

senhores da administração, senhora Mann. A senhora é uma verdadeira mãe para estas crianças. (Pega no seu copo e mexe o *gin* e a água.) Bebo à sua saúde, senhora Mann. (Bebeu metade do líquido.) Entrando no assunto que aqui me trouxe — disse o bedel, enquanto tirava do bolso uma carteira de couro —, a criança que lhe foi confiada com o nome de Oliver Twist faz hoje nove anos.

— Que Deus o guarde na sua divina proteção — disse a senhora Mann, esfregando o olho esquerdo com a ponta do avental.

— E, apesar de se prometer uma recompensa de dez libras, que depois se elevou para vinte, apesar de buscas esforçadas, e, posso dizê-lo, sobre-humanas por parte dos administradores desta paróquia, nunca se conseguiu descobrir quem é o pai, e ainda muito menos o nome ou a proveniência da mãe.

A senhora Mann juntou as mãos em sinal de espanto e, após um momento de reflexão, perguntou:

— Então, como é que ele tem apelido?

O bedel endireitou-se com dignidade.

— Fui eu que o inventei.

— O senhor Bumble?

— Eu próprio, senhora Mann. Nós apelidamos por ordem alfabética as crianças encontradas. O último estava no S, apelidei-o Swuble; este estava na letra T, dei-lhe o apelido de Twist; o próximo que viermos a encontrar chamar-se-á Unwin, o seguinte Vilkins e assim sucessivamente. Temos todos os nomes preparados até à letra Z. Recomeçaremos, quando tivermos esgotado o alfabeto.

— Fantástico! O senhor é incrivelmente culto!

— É provável, senhora Mann — admitiu o bedel, visivelmente satisfeito com o elogio. — É provável. (Esvaziou o copo.) Portanto, como Oliver é já demasiado crescido para continuar aqui, a administração decidiu que voltaria para o albergue, pelo que vim buscá-lo. Assim, traga-mo, para o ver.

— Trago-lho imediatamente — disse a senhora Mann, e saiu da sala.

Oliver, a quem tinham tirado uma boa camada de porcaria da cara e das mãos (pelo menos tanto quanto seria possível com apenas uma lavagem), entrou na sala conduzido pela sua benevolente protetora.

— Oliver, cumprimenta este senhor — ordenou ela.

A criança fez um cumprimento dividido entre o bedel sentado na cadeira e o chapéu pousado numa mesa.

— Queres vir comigo, Oliver? — perguntou o senhor Bumble com dignidade.

Oliver ia responder que seguiria com prazer a primeira pessoa que o viesse buscar, quando, ao levantar os olhos que mantivera baixos até então, por respeito, o seu olhar encontrou o da senhora Mann que, colocada atrás da cadeira do bedel, lhe mostrava o punho com ar ameaçador. Compreendeu imediatamente a insinuação. Sentira demasiadas vezes aquele punho no seu corpo para não o ter profundamente gravado na memória.

— E ela, virá comigo? — perguntou o pobre Oliver.

— Não, isso não pode ser. Mas irá ver-te algumas vezes — respondeu prontamente o senhor Bumble.

A resposta não foi muito animadora para Oliver, mas, apesar da sua pouca idade, teve o bom senso de fingir um grande desgosto por se ir embora. Não lhe foi difícil, aliás, fazer vir as lágrimas aos olhos. A fome e as pancadas ainda recentes eram motivos suficientemente fortes para chorar. A senhora Mann deu-lhe mil beijos e aquilo de que mais precisava: uma fatia de pão com manteiga, para que não apresentasse um aspeto tão esfaimado ao chegar ao albergue.

Com a fatia de pão numa mão e a outra agarrada à manga do senhor Bumble, Oliver caminhava como podia, perguntando insistentemente se faltava muito para chegar. O senhor Bumble respondia num tom breve e seco, porque a ternura momentânea, inspirada pelo *gin* em certas pessoas, evaporara-se-lhe do coração e o senhor Bumble tornara-se novamente um bedel. Estavam no albergue havia um quarto de hora quando o senhor Bumble o avisou de que conselho estava reunido e que o esperavam. Ordenou-lhe que o seguisse, acompanhando esta recomendação com duas bengaladas. Oliver entrou numa sala, onde dez senhores se sentavam em volta de uma mesa.

— Cumprimenta o conselho — ordenou Bumble. Oliver obedeceu.

— Como te chamas, rapaz?

Oliver nunca tinha visto tantas pessoas e, ao receber nova bengalada em jeito de recomendação, começou a chorar. Os senhores chamaram-lhe idiota. Depois informaram-no de que era órfão, criado à custa da paróquia, e que iria aprender um ofício que consistia em desfiar cordas velhas para fazer estopa. Foi conduzido pelo bedel até um quarto, onde adormeceu em cima de uma cama dura, pois as boas leis deste bom país não impedem os pobres de dormir.

Nesse mesmo dia, enquanto Oliver dormia, o conselho tomou uma decisão que iria influenciar o seu futuro. De facto, a administração entendeu que os pobres estavam demasiado bem, que o albergue era um local agradável para os tempos de lazer, onde os almoços, os jantares e as ceias caíam do céu durante todo o ano, um verdadeiro Eliseu onde tudo era prazer. Então, prepararam um regulamento em que se dava aos pobres a liberdade de escolherem entre morrer de fome no albergue ou morrer mais rapidamente do lado de fora. Com essa finalidade, celebraram um contrato com a Companhia das Águas, para terem ao seu dispor uma provisão ilimitada desse líquido, e um outro com um comerciante de trigo, que forneceria de tempos a tempos pequenas quantidades de farinha de aveia, com o que comporiam três refeições diárias de caldo de farinha, uma cebola duas vezes por semana, e meio pão ao domingo.

Seis meses após a chegada de Oliver ao albergue, o sistema estava em plena atividade. De princípio foi um pouco difícil pois era preciso pagar ao cangalheiro, mas o número de pensionistas do albergue diminuiu consideravelmente e a administração estava radiante. À hora da refeição cada criança recebia uma tigela cheia de caldo de farinha e mais nada, salvo nos dias de festa em que havia mais duas onças e um quarto de pão. Nunca era preciso lavar as tigelas, pois as crianças poliam-nas com as colheres até ficarem reluzentes. E, terminado este trabalho, que não ocupava muito tempo, quedavam-se a olhar para o caldeirão, parecendo ser até capazes de comer os tijolos onde estava assente. Estes infelizes comiam tão pouco que se tornaram vorazes e selvagens, ao ponto de um ameaçar, caso não lhes dessem outra tigela de caldo de farinha por dia, devorar o seu companheiro de cama durante a noite. Foi então que decidiram tirar à sorte entre eles quem iria, à ceia, pedir ao chefe mais uma tigela de caldo de farinha. A missão calhou a Oliver. Criança como era, a fome exasperara-o. Portanto, levantou-se da mesa e, admirado com a sua própria temeridade, dirigiu-se ao chefe:

— Por favor, pode dar-me um pouco mais, senhor?

O chefe tremeu e empalideceu. Olhou para o jovem rebelde com uma expressão de espanto e absurdez. As criadas ficaram paralisadas de pânico e as crianças de medo.

— Que queres tu? — perguntou com uma voz zangada.

— Queria um pouco mais, por favor — respondeu Oliver.

O chefe deu uma pancada na cabeça da criança com a colher do caldeirão, prendeu-lhe as mãos atrás das costas e gritou a chamar o bedel.

Os administradores estavam reunidos em assembleia, quando o senhor Bumble entrou precipitadamente na sala do conselho.

— Senhor Limbkins — disse, dirigindo-se ao senhor gordo que ocupava o cadeirão —, desculpe se o incomodo, senhor Limbkins, mas Oliver pediu mais comida!

Um murmúrio geral levantou-se na assembleia e em todos os rostos se espelhou uma expressão de horror.

— Ele pediu mais — disse o senhor Limbkins. — Acalme-se, Bumble, e responda-me claramente. Terei compreendido bem se disser que ele pediu mais, depois de ter comido a ração que lhe é concedida pelo regulamento desta casa?

— Sim, senhor — replicou Bumble.

— Essa criança acabará por se enforcar — disse o homem de colete branco. — Tenho a certeza.

Ninguém contestou a profecia do orador. Gerou-se uma discussão acalorada, de que derivou a condenação de Oliver a ser fechado em reclusão e, no dia seguinte, um edital colocado na porta, em que se oferecia uma recompensa de cinco libras a quem desembaraçasse a paróquia do jovem Oliver Twist. Por outras palavras, ofereciam-se Oliver Twist e cinco libras a quem quer que (homem ou mulher) precisasse de um aprendiz para qualquer ofício.

— Nunca na minha vida tive tanto a certeza de uma coisa — dizia, no dia seguinte, o homem do colete branco ao admirar o edital pregado na porta do albergue. — Nunca na minha vida tive tanto a certeza de uma coisa, como tenho de que este pequeno se há de enforcar um dia.

Como, no seguimento desta história, tenciono revelar se a previsão do homem do colete branco era ou não fundada, penso que destruiria o interesse desta narrativa (se acaso ela o tem), dando a entender desde já se a vida de Oliver teve ou não esse trágico fim.

CAPÍTULO III

COMO OLIVER TWIST ESTEVE À BEIRA DE ACEITAR UM LUGAR QUE ERA NADA MENOS DO QUE UMA SINECURA

Depois de ter cometido o crime imperdoável de pedir mais comida, Oliver permaneceu durante oito dias num compartimento escuro onde, por demência e bom senso da administração, o tinham encerrado. Não era descabido supor que, por muito pouco que tivesse ligado à profecia do homem do colete branco, Oliver consumaria a predição deste sábio administrador, prendendo uma ponta do seu lenço a um prego da parede e suspendendo-se na outra. No entanto, havia apenas um obstáculo à execução desse ato: é que os lenços, considerados como artigos de luxo, tinham sido proibidos para todo o sempre e subtraídos, por consequência, dos narizes dos pobres, por ordem expressamente emanada da administração, reunida em conselho para essa finalidade. Esta ordem fora dada solenemente, aprovada, assinada e selada por todos os membros do conselho de administração.

Um outro obstáculo, ainda maior para Oliver, era a sua juventude e inexperiência. A pobre criança limitava-se a chorar amargamente todo o dia. Logo que a noite vinha, longa e fria, tapava os olhos com as suas pequenas mãos para não ver a escuridão e anichava-se num canto para tentar dormir.

Não pensem os inimigos do «sistema» que, durante a sua reclusão, Oliver foi privado das vantagens do exercício e dos prazeres da sociedade. Quanto ao exercício, era-lhe permitido, com um tempo frio, mas são, ir

lavar-se todas as manhãs numa bomba existente num pátio cimentado, em presença do senhor Bumble que, para evitar que Oliver se constipasse, lhe ativava a circulação do sangue com a aplicação de frequentes bengaladas. Quanto à sociabilidade, faziam-no subir, de dois em dois dias, ao refeitório durante o jantar das crianças, para ser espancado publicamente e servir de exemplo e lição para o futuro.

Enquanto os assuntos de Oliver atravessavam esta fase tão favorável, sucedeu que uma manhã o senhor Gamfield, limpa-chaminés de profissão, descia a rua principal, pensando seriamente na maneira de pagar as várias rendas em atraso que devia ao senhorio. Apesar dos seus profundos conhecimentos de aritmética, não conseguia imaginar processo de realizar cinco libras esterlinas (total da sua dívida) e, numa espécie de desespero matemático, batia alternadamente na cabeça e no seu burro, quando, ao passar em frente do albergue, os seus olhos encontraram o edital fixado na porta.

— Oh!... O... o... oh! — gritou o limpa-chaminés para o burro.

O senhor do colete branco estava junto à porta, com as mãos atrás das costas, depois de ter pronunciado um brilhante discurso na sala do conselho. Tendo testemunhado o pequeno diferendo havido entre o senhor Gamfield e o seu burro, sorriu com satisfação ao ver o primeiro a ler o edital, pois vira desde logo que ele seria o patrão ideal para Oliver. O senhor Gamfield sorriu também ao percorrer o escrito, pois era precisamente de cinco libras que precisava; quanto à criança que deveria tomar a seu cargo, o limpa-chaminés pensou que, com o regime a que tinha sido submetido, teria a estatura conveniente para passar nas chaminés estreitas. Releu o edital de uma ponta à outra, palavra por palavra, e dirigiu-se ao cavalheiro de colete branco, levando, respeitosamente, a mão ao boné.

— Perdão, desculpe, cavalheiro. Há aqui um pequeno que a paróquia pretende colocar como aprendiz? — inquiriu Gamfield.

— É verdade, bom homem — respondeu o outro com um sorriso condescendente. — Que lhe quer?

— Se a paróquia lhe deseja dar um ofício agradável e nada cansativo, como o de limpar chaminés, por exemplo, estou disposto a tomá-lo ao meu serviço, pois preciso de um aprendiz.

— Entre — disse o senhor do colete branco.

O senhor Gamfield retrocedeu alguns passos para dar mais uma pancada na cabeça do burro, à guisa de precaução, para que o animal não se mexesse durante a sua ausência, depois seguiu o senhor do colete branco até à sala onde Oliver Twist o vira pela primeira vez.

— É um ofício sujo! — disse o senhor Limbkins, logo que Gamfield confirmou a sua pretensão.

— Parece que já tem havido casos de crianças asfixiadas nas chaminés — comentou um outro.

— É porque molham a palha antes de lhe pegar fogo para os fazer descer — disse Gamfield. — Só faz fumo e não arde. O fumo não serve de nada para obrigar um miúdo a descer de uma chaminé, antes pelo contrário: só serve para o adormecer. As crianças, como sabem, são preguiçosas e teimosas como o diabo, e não há nada como uma boa chama para os fazer despaçar. Ainda mais, é um favor que se lhes presta, porque, reparem, quando entalados na chaminé, mal sentem o calor nos pés, desembaraçam-se mais depressa.

O homem do colete branco pareceu satisfeito com a explicação, mas um piscar de olho do senhor Limbkins reprimiu imediatamente a sua alegria. Os membros do conselho conferenciaram durante alguns minutos, mas em voz baixa: «Pensemos na economia, vejamos as contas, façamos um relatório...», foram apenas estas as palavras ouvidas, porque foram repetidas muitas vezes e com muita ênfase.

Finalmente o murmúrio acabou e os membros do conselho retomaram os seus lugares e a sua dignidade. O senhor Limbkins tomou a palavra:

— Considerámos a sua proposta e não a aprovámos — disse a Gamfield.

— Por nada deste mundo — acrescentou o senhor do colete branco.

— O assunto foi bem pensado — anuíram os outros.

Como Gamfield tinha fama de ter matado à pancada três ou quatro rapazes, veio-lhe ao pensamento que, sem dúvida, os membros do conselho, por um capricho inconcebível, se tinham deixado influenciar por esta circunstância secundária. No entanto, como não tinha intenção de avivar em público essa recordação, afastou-se lentamente da mesa, enquanto fazia rolar o boné nas mãos.

— Portanto, não mo querem dar? — disse, parando no limiar da porta.

— Não — confirmou o senhor Limbkins. — Pelo menos, entendemos que a recompensa oferecida deve ser diminuída, visto que se trata de um ofício sujo.

Os olhos do limpa-chaminés brilharam de alegria, quando se aproximou de novo e perguntou:

— Vejamos, senhores, quanto me querem dar? Que diabo, não sejam demasiado duros para com um pobre diabo como eu. Quanto querem dar?

— Penso que três libras e dez xelins são o suficiente — disse o senhor Limbkins.

— Penso que os dez xelins já estão a mais — disse o homem do colete branco.

— Bem — retorquiu Gamfield —, fiquemos nas quatro libras e ver-se-ão livres do miúdo para sempre.

— Três libras e dez xelins — repetiu o senhor Limbkins com firmeza.

— Portanto, dividamos ao meio a diferença, senhores — insistiu Gamfield. — Três libras e quinze xelins.

— Nem mais um pence — foi a resposta do senhor Limbkins.

— Os senhores são de um rigor desesperante — queixou-se o limpa-chaminés, hesitante.

No entanto, o debate foi concluído e o senhor Bumble encarregue de trazer Oliver Twist com um contrato de aprendizagem, que seria aprovado e assinado pelo juiz na tarde desse mesmo dia.

Em consequência desta deliberação, o pequeno Oliver foi, com grande espanto seu, libertado do seu cativo e recebeu ordem para vestir uma camisa branca. Acabara de executar o seu exercício de ginástica (do qual raramente se livrava) quando o senhor Bumble lhe trouxe, pelas suas próprias mãos, uma tigela de caldo de farinha e ração dos dias de festa, isto é, duas onças e um quarto de pão. Ao ver isto, Oliver começou a chorar, pensando naturalmente que tinham resolvido matá-lo com qualquer finalidade vantajosa, pelo que tentavam engordá-lo.

— Não fiques com os olhos vermelhos — disse o senhor Bumble, com um ar de magnificência. — Come e sê reconhecido, Oliver, vais aprender um ofício, meu rapaz.

— Um ofício, senhor! — disse a criança numa voz trémula.

— Sim, Oliver. Os homens sensíveis e generosos que foram para ti os pais que nunca conhecestes vão pôr-te como aprendiz, lançar-te na vida e fazer de ti um homem, se bem que custe à paróquia três libras e dez xelins! Três libras e dez xelins, Oliver! Setenta xelins! Cento e quarenta moedas de um pence!!! E tudo isso por quem? Por um patifório, um mísero órfão que todos desprezam!

Quando o senhor Bumble se calou para retomar o fôlego, as lágrimas caíam ao longo da cara da pobre criança.

— Então... — disse o senhor Bumble, com um ar um pouco menos doutoral, pois sentia-se vaidoso com o efeito que produzira a sua eloquência. — Então, Oliver, enxuga os olhos com a manga da camisa e não chores

assim para dentro da comida, meu rapaz. É palermice chorares assim para dentro do teu caldo de farinha. (Na verdade, era asneira: o caldo de farinha já tinha bastante água.)

A caminho do tribunal, o senhor Bumble ensinou a Oliver tudo o que tinha a fazer: mostrar-se muito contente e se o senhor lhe perguntasse se queria aprender um ofício, diria que não desejava outra coisa. Oliver prometeu cumprir estas recomendações, tanto mais que o bedel lhe dera a entender que, caso ele falhasse, não seria responsável pelo que lhe poderia suceder. Logo que entraram no escritório do juiz, a criança foi deixada sozinha num gabinete com a indicação de esperar que o senhor Bumble voltasse. Assim ficou meia hora, até que este último abriu a porta e lhe disse numa voz que pudesse ser ouvida:

— Agora, meu amiguinho, vem falar com o senhor doutor juiz. — Depois, em voz mais baixa, advertiu num tom ameaçador: — Não te esqueças do que te disse, meu velhaco!

Oliver olhou ingenuamente para o senhor Bumble, espantado com as duas maneiras tão contraditórias de falar. Mas o bom homem não lhe deu tempo para fazer comentários e introduziu-o no compartimento vizinho cuja porta estava aberta. Era uma sala grande com uma janela grande. Atrás de uma secretária alta estavam dois senhores idosos de cabeça empoeirada, um lendo um jornal e o outro, com a ajuda de uns óculos, um pergaminho colocado à sua frente. De um lado, defronte da secretária, estava o senhor Limbkins, e, do outro, o senhor Gamfield, com a cara suja de fuligem, enquanto dois ou três corpulentos mancebos, de botas altas, passeavam no meio da sala.

O senhor idoso de óculos foi adormecendo gradualmente sobre o pergaminho, e houve um momento de pausa depois de Oliver ser colocado em frente à secretária pelo senhor Bumble.

— Eis a criança, senhor doutor juiz — disse o senhor Bumble.

O senhor idoso que lia o jornal voltou-se um pouco e acordou o outro, puxando-o pela manga.

— Ah! É esse o pequeno? — perguntou este.

— Sim, senhor — disse o bedel. — Cumprimenta o senhor doutor juiz, meu amigo.

Oliver encheu-se de coragem e fez a sua melhor vénia. Com os olhos fixos nas cabeças dos juizes, interrogava-se intimamente se todos os magistrados nasceriam com aquela matéria sobre os cabelos e se seria devido a isso que eram juizes.

— Então — disse o senhor de óculos —, o rapaz tem vocação para limpa-chaminés.

— Uma verdadeira paixão, senhor juiz — retorquiu Bumble, beliscando Oliver para o lembrar de que não seria conveniente que o desmentisse.

— Bem, ele «quer» ser limpa-chaminés, não é? — perguntou o magistrado.

— Se o «quiséssemos» colocar noutro ofício, fugiria no dia seguinte, senhor juiz — respondeu Bumble.

— E irá ser este homem o seu mestre...? O senhor? Vai tratá-lo bem, não é verdade? Vai alimentá-lo bem? Enfim, cuidará bem dele?

— Se o digo, é porque o faço, e tenho a intenção de o fazer — retorquiu Gamfield num tom brusco.

— Tem a palavra fácil e um tom ríspido, meu amigo, mas parece um homem franco e honesto — disse o senhor idoso, apontando os óculos para o candidato ao prémio oferecido no edital, cujo exterior ignóbil transpirava crueldade; mas o magistrado era meio cego e meio criança, pelo que não é de admirar que não reparasse no que qualquer pessoa notaria desde o princípio.

— Sou e gabo-me de o ser — disse o limpa-chaminés com um sorriso horroroso.

— Não o duvido — retorquiu o magistrado, pondo os óculos mais à ponta do nariz e procurando com os olhos o tinteiro.

Era o momento crítico para o futuro de Oliver. Se o tinteiro estivesse onde o magistrado julgava que estava, teria indubitavelmente molhado a ponta do aparo, assinado o contrato e Oliver seria entregue sem mais tardar; como o tinteiro estava mesmo debaixo do seu nariz, tentou naturalmente encontrá-lo em cima da secretária, sem o conseguir. Nesta pequena busca o seu olhar fitou ocasionalmente o rosto pálido transtornado de Oliver, que, apesar das piscadelas de olhos e os avisos sensíveis do senhor Bumble, que continuava a beliscá-lo, olhava para a fisionomia repelente do seu futuro patrão com uma expressão de horror e medo, tão evidente que nenhum magistrado, por muito míope que fosse, deixaria de se aperceber.

O senhor idoso cessou a sua busca, pousou a caneta na secretária e olhou alternadamente para Oliver e para o senhor Limbkins, que tomava um pouco de rapé com um ar pretensamente alegre e descuidado.

— Meu rapaz — disse o magistrado, debruçando-se sobre a secretária. Oliver estremeceu ao ouvir a sua voz, o que é fácil de compreender;

as palavras foram ditas com ternura e os sons que nos são estranhos geralmente assustam-nos. Todo o seu corpo tremia e começou a chorar.

— Meu rapaz — continuou o juiz —, estás pálido e pareces atemorizado! Diz-me o que se passa.

— Afaste-se um pouco dele, bedel! — disse o outro magistrado ao pôr o jornal de lado e inclinando-se para a frente com um ar interessado. — Agora, pequeno, diz-nos o que tens. Não tenhas medo.

Oliver caiu de joelhos, de mãos juntas, e disse num tom suplicante:

— Voltem-me a fechar na casa escura, matem-me à fome... batam-me, matem-me, se quiserem, mas não me mandem com aquele homem horroroso.

— E esta! — disse o senhor Bumble, erguendo os olhos e as mãos, com um ar místico. — De todos os órfãos velhacos e mentirosos que conheço, Oliver, tu és o mais desavergonhado.

— Cale-se, bedel! — ordenou o segundo magistrado quando Bumble acabou o seu discurso.

— Desculpe, senhor doutor juiz — disse Bumble não acreditando no que ouvira. — É comigo que estás a falar?

— Sim, e disse-lhe para se calar.

O senhor Bumble ficou estupefacto. Mandar calar um bedel! Que descaramento!!!

O magistrado de óculos olhou para o seu colega e fez um sinal significativo com a cabeça.

— Recusamo-nos a sancionar este contrato! — declarou, segurando a folha de pergaminho.

— Espero — balbuciou o senhor Limbkins — que apenas pelo testemunho de uma criança, os senhores magistrados não irão pensar que as autoridades procederam mal nesta circunstância.

— Os magistrados não são chamados a pronunciar-se sobre esse assunto — respondeu o segundo magistrado. — Levem esta criança de volta ao albergue e tratem-na, que ela bem parece precisar.

No dia seguinte, apareceu novo edital a informar que Oliver Twist continuava por alugar, e que quem o recebesse teria uma recompensa de cinco libras esterlinas.

CAPITULO IV

O NOVO MUNDO DE OLIVER TWIST

Nas famílias numerosas, quando um jovem não consegue uma colocação vantajosa, quer por sucessão, quer por compra ou qualquer outro modo, há o costume de o enviar para o mar. O conselho de administração, querendo seguir um procedimento tão sensato e exemplar, reuniu-se para deliberar sobre a oportunidade de embarcar Oliver Twist em qualquer navio mercante com destino a um porto qualquer, que fosse pequeno e inóspito. E esta resolução foi tomada como sendo a melhor para o rapaz. Era natural que um dia o comandante, após jantar, ao procurar um divertimento para o ajudar a fazer a digestão, matasse o rapaz à pancada ou lhe rebentasse a cabeça com uma barra de ferro (como sabemos, este género de passatempo é frequentemente utilizado pelos senhores marinheiros).

O senhor Bumble foi encarregue de efetuar as buscas preliminares, com o fim de encontrar um capitão que precisasse a bordo de um rapaz sem parentes nem amigos. Quando o senhor Bumble estava de regresso ao albergue para dar conta dos resultados da sua missão, encontrou no limiar da porta o senhor Sowerberry, o cangalheiro.

— Senhor Bumble — disse o cangalheiro —, acabei de tirar as medidas a duas mulheres que morreram ontem à noite.

— Há de fazer fortuna, senhor Sowerberry — retorquiu o bedel, enquanto metia com destreza o polegar e o indicador na caixa de rapé, que o

outro lhe estendera. — Digo-lhe que fará fortuna — continuou, dando uma amistosa bengalada no ombro do cangalheiro.

— Está a falar a sério? — disse o outro. — Os preços fixados pelos administradores são bastante pequenos, senhor Bumble.

— Tanto quanto os seus caixões — replicou o bedel num tom quase prazenteiro, sem passar, no entanto, os limites que convinham a um homem da sua posição.

Esta resposta tão a propósito pareceu agradar ao senhor Sowerberry, que soltou uma boa gargalhada.

— Tem razão, senhor Bumble. Confesso que, com o sistema de alimentação em vigor nesta casa, os caixões são mais estreitos e menos fundos. Mas é preciso lucrar qualquer coisa, senhor Bumble. A madeira que utilizamos é um artigo caro, sabe-o bem, e as pegas de ferro vêm de Birmingham.

— Sem dúvida, sem dúvida. Tudo tem um lado bom e um mau, e um lucro honesto não é de desprezar.

— É assim mesmo. Se não ganho na qualidade, tenho que me desferrar na quantidade. Eh! Eh! Eh!

— Precisamente — anuiu o senhor Bumble.

— No entanto — continuou o cangalheiro, retomando o curso das suas observações que o bedel interrompera —, tenho que lutar contra uma grande desvantagem; é que as pessoas corpulentas são sempre as primeiras a partir, depois de submetidas ao regime alimentar do albergue. E, senhor Bumble, três ou quatro polegadas num caixão fazem um bom rombo nos lucros de um indivíduo, sobretudo quando se tem uma família a sustentar.

Como o senhor Sowerberry falava com um tom indignado, próprio de um homem que se sente ludibriado, o senhor Bumble pressentiu que se poderia entrar numa conversa desagradável para a honra da paróquia, julgou prudente mudar o tema e o problema de Oliver forneceu-lhe a matéria.

— Por acaso — perguntou — não conhece ninguém que precise de um aprendiz? Trata-se de um rapaz da paróquia, que neste momento se torna um encargo monstruoso e, se posso dizê-lo, uma mó de moinho pendurada no pescoço da paróquia. Numas condições vantajosas, senhor Sowerberry! Condições muito vantajosas! — Ao dizer isto, apontou distintamente com a sua bengala para as três palavras escritas em letras maiúsculas, de um tamanho gigantesco, no edital: «Cinco libras esterlinas.»

— Curioso! — exclamou o cangalheiro, segurando Bumble pela aba do seu hábito de eclesiástico. — Era precisamente nisso que lhe queria falar.

Sabe... Que bonito botão tem aqui, senhor Bumble! Ainda não o tinha notado.

— Sim, bastante bonito — disse o bedel, lisonjeado com a observação.
— O desenho é o mesmo do selo paroquial: o Bom Samaritano tratando as chagas de um pobre. Deu-mo o conselho de administração como presente no início do ano. Usei-o pela primeira vez, se bem me lembro, para assistir ao inquérito do comerciante arruinado, que apareceu morto junto de um portão.

— Lembro-me do caso — disse o outro. — O júri decidiu que ele morreu de fome e de frio.

O senhor Bumble fez um sinal afirmativo.

— Se a administração desse ouvidos às banalidades que esses júris dizem, teria muito que fazer.

— É verdade — confirmou Sowerberry.

— Os júris — continuou o senhor Bumble, apertando com força a sua bengala como era seu hábito quando se encolerizava —, os júris são seres vis, baixos e repelentes, para além de tudo o que se possa dizer.

— Tem muita razão — disse o outro.

— Detesto-os! — continuou o bedel, que começava a corar de raiva.

— E eu também — ajudou Sowerberry.

— Só queria ter um desses juristas durante quinze dias no nosso albergue: perderiam rapidamente o seu espírito de independência.

— É melhor não lhes dar importância, senhor Bumble — disse Sowerberry com um sorriso aprovador, para acalmar a fúria crescente do funcionário indignado.

O senhor Bumble empurrou o chapéu para trás e enxugou com um lenço o suor da testa, provocado pela sua indignação. Voltou a pôr o chapéu e disse num tom mais calmo:

— Bem, e sobre o rapaz?

— Como sabe, senhor Bumble, pago uma boa quantia para os pobres.

— Ora! E depois?

— Se pago tanto para eles, é justo que beneficie alguma coisa com isso. Depois de muito pensar, decidi tomar o rapaz à minha responsabilidade.

O senhor Bumble pegou no braço do cangalheiro e fê-lo entrar no albergue. O senhor Sowerberry esteve em conferência com os administradores durante cinco minutos, no fim dos quais se deliberou que Oliver iria nessa mesma noite para sua casa, onde ficaria à experiência.

Quando Oliver foi levado à presença destes «senhores», informaram-no

de que iria para aprendiz de um fabricante de caixões e que, se se queixasse da sua condição ou voltasse para o albergue, seria embarcado em qualquer navio, onde correria o risco de ser afogado ou morto à pancada.

O senhor Bumble foi encarregue de conduzir Oliver a casa do seu novo patrão. Porém, antes de cumprir a sua missão, Bumble deu à pobre criança algumas bengaladas e fez-lhe umas tantas recomendações, tal como era de esperar de um bedel digno desse nome. O pequeno chorou e sentiu-se tão triste e abandonado, que não pôde deixar de fazer notar ao senhor Bumble a sua solidão. Qualquer outro mortal teria ficado impressionado com o sofrimento da infeliz criança, mas nunca um bedel. Bumble pensava que a sensibilidade era indigna da sua personalidade paroquial.

O fabricante de caixões acabava de fechar os batentes da sua loja, e estava a escriturar algumas entradas no seu livro de contas, à luz de uma candeia tão apropriada à tristeza do local, quando o senhor Bumble entrou.

— Ah! — exclamou, levantando os olhos do livro. — É o senhor Bumble?

— Em pessoa, senhor Sowerberry — replicou este. — Trago o rapaz. (Oliver fez uma vénia.)

— Ah! É então o rapaz — disse o cangalheiro, levantando a candeia acima da sua cabeça para melhor observar Oliver. — Senhora Sowerberry, pode vir aqui por um instante, minha querida?

A senhora Sowerberry saiu de um pequeno compartimento das traseiras da loja. Era uma mulher magra, com uma expressão rabugenta e carrancuda.

— Minha querida — disse o marido —, este é o rapazinho do albergue de mendicidade de quem te falei. (Oliver fez mais uma vénia.)

— Meu Deus! — exclamou a mulher. — Como é pequeno!

— É um pouco franzino, na verdade — disse o senhor Bumble, enquanto olhava para Oliver com uma expressão de reprovação, como se a criança fosse culpada de não ser maior. — É um tanto franzino, ninguém o pode negar. Mas crescerá, senhora Sowerberry, pode ter a certeza de que crescerá.

— Sem dúvida — replicou a mulher. — Crescerá à custa da nossa comida e bebida. Que se pode ganhar com estes rapazes da paróquia? Custam sempre mais do que valem. Mas os homens julgam que têm sempre razão. Aproxima-te, pequeno saco de ossos!

Ao dizer isto, empurrou Oliver em direção a uma escada íngreme, que dava para uma cave escura e húmida, a que chamavam cozinha, onde

estava sentada uma rapariga desmazelada, com uns sapatos puídos e umas meias de lã azuis num estado desgraçado.

— Carlota — disse o senhor Sowerberry, que acompanhara Oliver —, dá a este rapaz os restos de carne que foram postos de lado para o *Frip*. Esteve fora de casa durante todo o dia, passará sem eles. Espero que não sejas esquisito em os comer, não é verdade, rapaz?

Oliver, cujos olhos luziram ao ouvir falar em carne e tremia só de pensar que os iria comer, respondeu prontamente que não. E colocaram-lhe à frente um prato de sobejos.

Num minuto Oliver devorou tudo o que havia no prato, sem se incomodar a mastigar. A senhora Sowerberry fitava-o com um ar horrorizado, pensando que aquele apetite era de mau agoiro para o futuro. Depois conduziu-o por entre os caixões e, com a sua habitual graciosidade, empurrou-o para debaixo do balcão, que seria o futuro quarto do novo aprendiz.

CAPÍTULO V

OLIVER CONHECE NOVAS PESSOAS

Oliver, deixado sozinho na loja do fabricante de caixões, pousou a candeia sobre um banco e olhou timidamente em redor, com um sentimento de medo, que mesmo pessoas mais velhas do que ele compreenderão com facilidade. Um sarcófago incompleto, colocado sobre cavaletes negros, assemelhava-se tanto com a figura de um morto, que um frio glacial acompanhado com um tremor compulsivo lhe percorriam o corpo sempre que, involuntariamente, o seu olhar pousava naquele objeto tenebroso, onde, a cada momento, esperava ver surgir a cabeça hedionda de um cadáver que o faria enlouquecer de medo.

Na manhã seguinte foi acordado pelo barulho de um pontapé no lado de fora da porta, barulho esse que se repetiu umas trinta vezes enquanto ele se vestia rapidamente. Quando começou a puxar os ferrolhos, os pés deixaram de bater e uma voz fez-se ouvir:

— Queres ou não queres abrir a porta? — perguntou a voz pertencente aos pés que tinham batido.

— É só um momento, senhor — respondeu Oliver, enquanto tirava os ferrolhos e dava a volta à chave.

— Tu és o novo aprendiz, não é verdade? — perguntou a voz pelo buraco da fechadura.

— Sim, senhor — retorquiu Oliver.

— Que idade tens? — perguntou a voz.

— Dez anos, senhor — respondeu Oliver.

— Quando entrar, vou chegar-te a roupa ao pelo, maldito órfão.

Oliver já conhecera demasiadas vezes os resultados de ameaças semelhantes, para duvidar que o dono da voz, quem quer que fosse, cumprisse a sua promessa. Puxou os ferrolhos com as mãos trémulas e abriu a porta. Olhou em frente, à direita e à esquerda, julgando que o desconhecido que lhe falara pelo buraco da fechadura dera alguns passos para se aquecer; à sua frente apenas via um rapaz da escola de caridade sentado num marco de pedra defronte da loja, que se entretinha a comer uma fatia de pão com manteiga, que cortava em pedaços do tamanho da sua boca e engolia com voracidade.

— Desculpe — disse por fim Oliver, vendo que mais ninguém aparecia. — Foi o senhor quem bateu?

— Dei alguns pontapés — respondeu o outro.

— Precisa de um caixão? — perguntou Oliver com ingenuidade.

Esta pergunta pareceu irritar terrivelmente o rapaz da escola de caridade, que jurou ser Oliver quem iria precisar de um, se se permitisse semelhantes brincadeiras com os seus superiores.

— Com certeza não sabes quem eu sou, vil órfão — disse ele, descendo do marco de pedra onde estava sentado com um ar de gravidade.

— Não, senhor — respondeu Oliver.

— Sou o senhor Noé Claypole. E tu estás sob as minhas ordens. Vamos! Abre a loja e tira os taipais. — Ao mesmo tempo, deu um pontapé a Oliver e entrou na loja com um ar majestoso, cheio de importância.

Oliver tirou os taipais e, quando tentou carregar um até ao pequeno pátio nas traseiras da casa, onde ficavam durante o dia, partiu um vidro. Noé dignou-se a ajudá-lo, mas avisou-o de que «o pagaria». Pouco tempo depois, apareceu o senhor Sowerberry, logo seguido pela senhora Sowerberry. Oliver, depois de «pagar o vidro» tal como Noé previra, seguiu este até à cozinha para tomar o pequeno almoço.

— Vem para junto do lume, Noé — disse Carlota. — Tirei do almoço do patrão um bocado de toucinho para ti. Tu, Oliver, toma estes bocados de pão e o chá, que está em cima do armário, e vai comer para um canto. Mas despacha-te, que é preciso alguém a tomar conta da loja. Ouviste?

— Ouviste, órfão? — perguntou Noé.

— Que graça tens, Noé! — repreendeu Carlota. — Não podes deixar o pequeno sossegado?

— Deixá-lo sossegado? Parece-me que todos o deixam sossegado. Não

corre o risco de o pai ou a mãe o contrariarem! Toda a família o deixa fazer o que quer, Carlota! Ah! Ah! Ah!

— Ele é um farsante! — exclamou Carlota, rindo às gargalhadas, no que foi imitada por Noé, e os dois olharam com desdém para o pobre Oliver, que, sentado no canto mais frio da cozinha, comia apressadamente os pedaços de pão duro especialmente guardados para ele.

Noé era um rapaz protegido pela caridade, mas não era um órfão do albergue de mendicidade. A sua mãe era lavadeira e o pai, antigo soldado, um velho bêbado reformado do exército, com uma perna de pau e uma pensão de cinco pences e três dinheiros diários. Durante muito tempo, os rapazes das lojas vizinhas haviam tido o hábito de insultar Noé em plena rua, e ele suportara tudo com uma grande paciência. Mas agora o acaso colocara-lhe no caminho um pobre órfão sem nome, que mesmo o mais humilde podia desprezar e insultar impunemente, e Noé fazia-o expiar com juro tudo o que os outros o tinham feito sofrer.

Ao fim de três semanas, o senhor Sowerberry decidiu, tendo em conta a aparência e a expressão melancólica de Oliver, que o rapaz faria papel de carpideira nos funerais de crianças. Esta solução agradou inteiramente à senhora Sowerberry, que lamentou o facto de o marido só então ter pensado nisso.